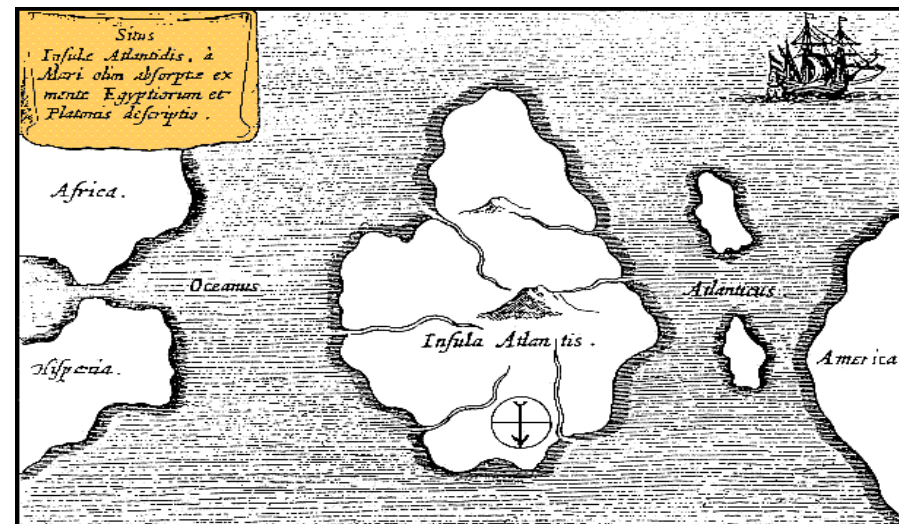


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº 0 janeiro 2010



CADERNO Nº 0 janeiro 2010

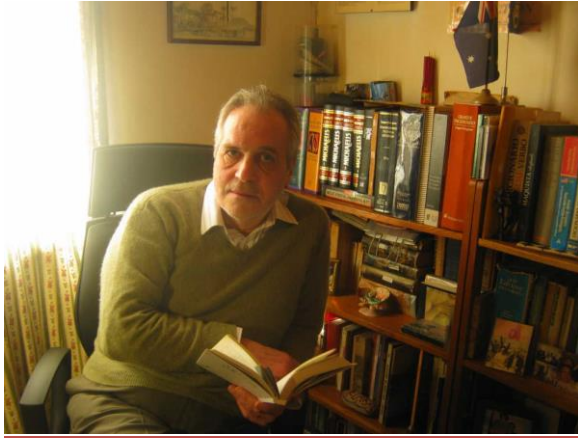
<http://www.lusofonias.net>

Editor AICL/Colóquios da Lusofonia
Chrys Chrystello editou este número



Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico) **REVISTO EM 19-01-2022**



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRYPELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente. Em janeiro 2010, brotaram estes despreziosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA, servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.**

Os CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores. Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingué** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino **“9 ilhas, 9 escritoras”**.

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingué) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro **“CHRÓNICAÇORES (vol. 2)** uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o **“Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”**, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a **mini-bibliografia**, disponível no nosso portal www.lusofonias.net. Existe uma versão alargada com mais de 19 mil entradas a editar em livro em 2017 compilada ao longo de mais de sete anos e destinada a consulta exclusiva dos associados da AICL. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exhaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Pedi-se inicialmente a ajuda a alguns autores que se comprometeram a dá-la. Oportunamente, o Vasco Pereira da Costa ou outro autor poderá vir a fazer disto uma coisa mais séria, logo que tenha mais disponibilidade. Antes dele, o Daniel de Sá e o Cristóvão de Aguiar declinaram, por falta de tempo, encarregarem-se deste projeto, mas como os Colóquios não prometem, antes fazem, aqui vai a Edição «O» destes Cadernos. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer excertos de obras, a quem pouco ou nada sabe. Estes cadernos destinam-se aos que desconhecem a existência de autores de matriz açoriana ou nunca leram nada do que escreveram...Vamos tentar chegar a leitores nunca imaginados...

Para os/as tradutores/as de autores açorianos a quem enderecei o pedido, era solicitado que nos disponibilizassem umas seis páginas de uma tradução desses autores. Aguardemos. Antes de começarmos a revelar tais autores, convirá porém, deixar aqui uma explicação sobre a Literatura de matriz açoriana, ainda hoje objeto de dissidências entre vários autores e sobre o nascimento deste projeto.

Em 2005, acabados de chegar a este paraíso insular, quisemos no nosso primeiro colóquio da lusofonia, em versão insular, debater a escrita, lendas e tradições, e os fatores exógenos e endógenos que permeiam a açorianidade, a fim de criativamente questionar a influência que a insularidade e o isolamento tiveram na preservação deste caráter ilhéu. Mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução como forma de divulgação linguística e cultural. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA, onde é difícil a penetração de autores de outras línguas e culturas.

Criámos a reputação de exigência e intransigência para o reconhecimento da riquíssima literatura de matriz açoriana, parente pobre da vasta literatura portuguesa. Pretendemos manter anualmente um variado fluxo de personalidades para tornar mais conhecida a identidade lusófona açoriana.

O desconhecimento, a nível mundial, deste arquipélago de uma beleza estonteante e composto por uma família de nove irmãs debruadas a cores diferentes, combate-se levando a cabo iniciativas como esta. Pretendemos levar os Açores aos que não têm vínculos familiares nem conhecimento desta realidade. Ambicionámos a que mais lusofalantes fiquem a conhecer esta realidade insular e suas peculiaridades, trazendo aqui outras vozes para que desse intercâmbio se possa difundir a verdadeira cultura açoriana. Em 2010 descentralizaremos mais o evento levando-o ao Estado de Santa Catarina e em 2011 a Macau.

Em 2008 tivemos o privilégio da presença desse picaroto², Dias de Melo, que escrevia não só sobre os baleeiros que o celebrizaram mas também sobre as rochas negras do Pico. Um revolucionário que sentia o pulsar das suas gentes e das suas palavras. Tudo escutava e traduzia depois para livro. Era basalto e mar como a sua ilha. A sua obra merecia ser divulgada em todas as escolas e universidades mas continua esquecida.

Os nossos colóquios visam repor um pouco a justiça que esses escritores merecem, assim como um lugar de destaque no panorama literário português. Os que venceram nas AMÉRICAS são admirados e os que não emigraram ficam na penumbra do limbo. Existem centenas de autores açorianos para ler e estudar. Nem todos terão escrito obras-primas, mas muitos merecem ser lidos e estudados. É para eles, para as suas obras e memórias, que iremos orientar os nossos encontros. Era esta a opinião de Pedro da Silveira, poeta das Flores (1922-2003) e autor de A Ilha e o Mundo (1953) que disse: «A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Apenas precisa de sair do queto que lhe tem sido a sina.»

Como recém-chegado tive a honra e o privilégio de aprender as idiosincrasias arquipelágicas ao começar por traduzir obras de (entre outros) Daniel de Sá, Caetano Valadão Serpa, Manuel Serpa e Victor Rui Soares. Estando a açorianidade presente num escritor, explicá-lo é tarefa para estudos mais complexos do que a mera atividade do tradutor, por mais empenhado ou apaixonado que possa estar pelo objeto da sua tradução. Nestas navegações literárias, uma pessoa não lê apenas.

² Habitante da ilha do Pico

Estas as imagens e a paixão que orientam estes colóquios. É essa literatura de matriz açoriana, quiçá desconhecida, olvidada ou menorizada que iremos revisitar.

Foi em Bragança no 8º Colóquio Anual da Lusofonia (outubro 2009) que se realizou uma Mesa quadrada sobre tradução e literatura de matriz açoriana. Ali, tive o privilégio de explicar uma coisa que muitos ignoram sobre essa literatura. Posteriormente na conferência internacional «Reflexão sobre A Mundividência da Açorianidade», reformulei o mesmo texto da seguinte forma:

*A ilha para **Natália Correia** é Mãe-Ilha, para **Cristóvão de Aguiar** é Marilha, para **Daniel de Sá** é Ilha-Mãe, para **Vasco Pereira da Costa**, Ilha Menina, para mim nem mãe, nem madrasta, nem Marília nem menina, mas Ilha-Filha, que nunca enteada. Para amar sem tocar, ver engrandecer nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis. Toda a vida fui ilhéu mas tendo perdido sotaques não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências dos mundos e culturas distantes. Primeiro em Portugal, essa ilhota perdida da Europa durante o Estado Novo, seguidamente em mais um capítulo naufragado da História Trágico-marítima nas ilhas de Timor e de Bali, seguido da então (pen)ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), da imensa ilha-continente denominada Austrália, e nessa ilhota esquecida de Bragança no nordeste transmontano, antes de arribar a esta Atlântida dos Açores.*

Com o tempo reconheci o quase total desconhecimento do Arquipélago para além do micalense sotaque «de uma falsa sonoridade afrancesada» tão difícil de entender nesta ponta mais ocidental do antigo Império Português. Cumes de montanhas submersas que assomam, a intervalos, aqui no meio do Grade Mar Oceano onde se mantêm gentes orgulhosas e ciosas dos seus costumes e tradições, em torno duma família nuclear dizimada pelo chamado progresso.

Os políticos ocupados com a sua sobrevivência esqueceram-se quase sempre da presença mágica destas ilhas de reduzidas dimensões e diminutas populações. Graças a esse deprimente meio de comunicação unilateral chamado telenovela, gente houve que aprendeu mal acerca deste mundo à parte, quiçá ainda por descobrir. Como se fosse uma espécie de triângulo das Bermudas, onde tudo o que é relevante desaparece dos telejornais. Já era assim durante o Estado Novo e pouco mudou quanto à

visibilidade real destas insulas, apenas evocadas pelas catástrofes naturais e pelo anticiclone do bom ou mau tempo.

*Grandes vultos nasceram nos Açores, como **Gaspar Frutuoso** (1522-1591 historiador); o **conde de Ávila**, marquês e duque de Bolama; **Manuel de Arriaga** (1840-1917), **Antero de Quental** (1842 -1891 filósofo e poeta); **Teófilo Braga** (1843 -1924 escritor e presidente da República); **Roberto Ivens** (1850-1898); **Tomás Borba** (1867-1950, mestre de quase todos os melhores compositores portugueses do século XX); **Francisco de Lacerda** (1869-1934, musicólogo, compositor e maestro); **Canto da Maya** (1890 -1981 escultor); **Domingos Rebelo** (1891-1975 pintor); **Vitorino Nemésio** (1901-1978 escritor) e **António Dacosta** (1914 -1990 pintor) para mencionar apenas alguns.*

*Acolho como premissa o conceito de açorianidade formulado por **José Martins Garcia** que, «por envolver domínios muito mais vastos que o da simples literatura», admite a existência de uma literatura açoriana «enquanto superestrutura emanada dum habitat, duma vivência e duma mundividência»³.*

O polémico debate académico em torno da expressão «literatura açoriana» criou entre os autores que se reuniam nos anos 80, amizades, inimizades, afinidades intelectuais e intertextualidades.

*Em «Constantes da insularidade numa definição de literatura açoriana», **J. Almeida Pavão** (1988) afirma*

*«...sobre a existência de uma Literatura Açoriana...assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Literatura Portuguesa Continental. No polo positivo de um extremo, enquadrar-se-ia a posição de **Borges Garcia** e no outro extremo situar-se-ia o polo, naturalmente contestatário, formado por **Gaspar Simões** e **Cristóvão Aguiar**. Isto, sem falarmos de outros tantos depoimentos, tais sejam os de **Pedro da Silveira**, **Ruy Galvão de Carvalho**, **Eduíno de Jesus**, **Carlos Faria**, **Ruy Guilherme de Moraes**, **João de Melo** e outros mais, quase todos estes compendiados e mais ou menos discutidos na obra **A Questão da Literatura Açoriana**, de **Onésimo Teotónio de***

³ http://lusofonia.com.sapo.pt/acoeres/acorianidade_pavao_1988.htm#_ftn11#_ftn11

Almeida, que passou a tornar-se órgão indispensável de consulta para quem de novo se proponha abordar o problema. Literatura Açoriana sê-lo-ia, na sua vertente política, sem qualquer contradita, se porventura os Açores se tornassem num território ou numa nação independente. E, aí, haveria que inscrevê-la dentro de novas premissas.»

Onésimo de Almeida escreveu dois livros e coordenou outro sobre o tema: A «Questão da Literatura Açoriana» (1983), «Da Literatura Açoriana – Subsídios para Um Balanço» (1986) e «Açores, Açorianos, Açorianidade» (1989). Nesses anos, falava-se em artesanato, folclore e cultura açoriana mas nada era mais embaraçoso do que falar em literatura açoriana. O problema colocou-se por razões políticas. Em 1975, Vitorino Nemésio deixara-se utilizar pela Frente de Libertação dos Açores (FLA), movimento independentista hoje extinto, como candidato a Presidente da futura República. Contra a vontade da maioria, os separatistas insistiram em usar a literatura como um dos sinais da identidade nacional.

Citando J. Almeida Pavão (1988)

«...de **Onésimo de Almeida**, diríamos que o seu critério, assente na idiossincrasia do homem das Ilhas, nelas nado e criado, nos levanta uma dificuldade: a de englobarmos no mesmo conteúdo da Literatura Açoriana os autores estranhos que porventura as habitaram, já na idade adulta, como o **Almeida Firmino de Narcose** ou as visitaram, descortinando as suas peculiaridades pelo impacto de estruturas temperamentais forjadas em ambientes diversos, como é o já citado caso de Raul Brandão de «As Ilhas Desconhecidas». Entendemos, pois, que deverão ser abrangidos num rótulo comum de **insularidade e açorianidade** três extratos diversos de idiossincrasias:

— Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;

— O dos insularizados ou «ilhanizados», adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do já referido poeta Almeida Firmino;

— E ainda o dos estranhos, como o também já mencionado Raul Brandão.»

Muito antes do Onésimo, **Eduíno Borges Garcia** escreveu uma série de artigos sobre literatura açoriana, publicados no semanário «A Ilha» e depois reunidos em opúsculo, no qual, e ao contrário de outros teóricos, não utilizava a expressão como sendo separada do contexto nacional. Apenas aconselhava os escritores açorianos a incluírem nos seus escritos a vida concreta do povo. Queria que a literatura escrita nos açores tendesse para o neorealismo, que refletisse a sociedade real.

Hoje, é questão aceite e arrumada para a maioria enquanto se não define teoricamente a terminologia. No último Encontro Açoriano da Lusofonia, abril 2009, o escritor **Cristóvão de Aguiar** rejeitou o rótulo de literatura açoriana, por considerar que faz parte da produção literária lusófona. «O título (literatura açoriana) é equívoco, porque pode parecer que é uma literatura separada da literatura portuguesa», afirmou à agência Lusa o escritor.

Machado Pires sugeriu em tempos «literatura de significação açoriana», discursando sobre esse fenómeno descontínuo porque não há uma evolução, uma linha histórica progressivamente afirmada havendo «Autores açorianos que estando fora dos Açores, deles se ocupam sistematicamente de modo direto e indireto» (p. 57). «Por isso, preferimos usar a expressão de literatura de significação açoriana quando queremos acentuar a existência de uma literatura ligada à peculiaridade açoriana por acharmos demasiado genérica, ambígua e incaracterizante a designação de açoriana.» (p. 59 – «Para um conceito de literatura açoriana» in Raul Brandão e Vitorino Nemésio. *Ensaio*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, col. «Temas Portugueses», 1987).

Outros preferem o termo «matriz açoriana». Há vários tipos de autores, os açorianos residentes no seio do arquipélago, os emigrados, os descendentes, e os estrangeiros que escrevem sobre os Açores (em português ou não). Falta destringir quais são os que se podem incluir nessa designação açórica.

«É, pelo menos, um ramo único no contexto da literatura portuguesa» acrescenta **Eduardo Bettencourt Pinto**, um angolano, «escritor açoriano» por escolha própria.

Pedro da Silveira (Flores 1922-2003) autor de *A Ilha e o Mundo* (1953) foi perentório:

«Já deixei notado que o separatismo (entendido como corrente que preconizava a independência total dos Açores) não produziu nenhuma doutrina normativa da literatura, isto é, sobre o que deveria ser a literatura açoriana.» (Silveira, 1977: 11). O que custava era aceitar que os escritores açorianos estivessem a desenvolver uma escrita que se diferenciava da de outros autores de Língua portuguesa. É que, nessa escrita, eram visíveis as especificidades que identificavam o açoriano como ser moldado por elementos atmosféricos e sociológicos diferentes, adaptado a vivências e comportamentos que, ao longo dos séculos, foi assimilando, pois viver numa ilha implica(va) uma outra noção de mundividência. A esta realidade continuam atentos os escritores das ilhas e é inegável a importância do seu contributo para o conhecimento da sociologia da literatura açoriana. A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Precisa de sair do gueto que lhe tem sido a sina («Açores», Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária, coordenado por João José Cochofel Iniciativas Editoriais 1977)».

Lentamente, os escritores foram encontrando o seu espaço, não havendo minguagem de qualidade nem quantidade, mas na maior parte dos casos sem projeção além das ilhas, com exceções contemporâneas de **João de Melo, Dias de Melo, Cristóvão de Aguiar, Vasco Pereira da Costa e Daniel de Sá**, entre outros. Nos Colóquios da Lusofonia, na sua versão insular desde 2006 dos Encontros Açorianos, o ponto de partida foi o debate sobre a identidade açoriana, a escrita, as lendas e tradições, numa perspectiva da LUSOFONIA com todas as diversidades culturais que, com a nossa podem coabitar. Deste intercâmbio de experiências entre residentes, expatriados e todos aqueles que dedicam a sua pesquisa e investigação à literatura, à linguística, à história dos Açores ou outro ramo de conhecimento científico, podemos aspirar a tornar mais conhecida a identidade lusófona açoriana. Aspira-se a contribuir para o levantamento de fatores exógenos e endógenos que permeiam essa açorianidade lusófona e criativamente questionar a influência que os fatores da insularidade e do isolamento tiveram na preservação do caráter açoriano. A meritória ação de várias entidades nas últimas décadas tem proporcionado um estreitamento entre açorianos, expatriados e descendentes numa forma fechada e limitada, quase conversas em família. Os Colóquios pretendem ir

mais além, e levar os Açores ao mundo, em especial aos que não têm vínculos familiares nem conhecimento desta realidade. Independentemente da Açorianidade, mas por via dela, pretende-se que mais lusofalantes e lusófilos fiquem a conhecer a realidade insular e as suas peculiaridades.

Era imperioso que alguém lesse os autores de origem literária açoriana, lhes insuflasse nova vida e os trouxesse à mais que merecida ribalta. Coube-me o privilégio de aprender idiosincrasias insulares ao traduzir autores como **Daniel de Sá, Manuel Serpa e Victor Rui Dorez**. Deparei com noções etimologicamente ancestrais contrastando com o uso que se lhes apõe na maioria dos dicionários. No Dicionário do Moraes vêm todos os termos «chamados» açorianos. A língua recuada até às origens e adulterada pelo emigrês que trouxera corruptelas aportuguesadas e anglicismos. Trata-se de desvendar o arquipélago como alegoria recuando à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se desfaldaram ao enguiço do presente e não podem ser só perpetuadas nas suas memórias.

Deduzi características relevantes para a açorianidade:

1. O clima inculca um caráter de torpor e de morosidade;
2. Os habitantes quedam quase tão distantes de Portugal como há séculos;
3. O recorte dos estratos sociais: é vincadamente feudal apesar do humanismo que a revolução de 1974 alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;
4. A adjacência das gentes à terra persiste fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo.

Nesta geografia idílica não busquei a essência do ser açoriano. Existirá, decerto, em miríade de variações, cada uma vincadamente segregada da outra. Também não cuidei de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se estas condicionam a presença humana, para assim evidenciar a sua especificidade ou açorianidade. Antes quis apreender as suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizavam face aos antepassados e às ilhas e locais de origem.

Um dos grandes escritores açorianos injustamente esquecido, **José Martins Garcia** nasceu na Criação Velha, Pico, a 17 de fevereiro de 1941, tendo feito os seus estudos iniciais no Pico e parte dos liceais na Horta. Em

Lisboa licenciou-se em Filologia Românica pela Faculdade de Letras. Teve uma breve passagem pelo Liceu da Horta, antes da mobilização para a guerra na Guiné-Bissau (1966 -1968). Entre 1969 e 1971 foi leitor de Português em Paris. Foi professor na Faculdade de Letras de Lisboa, de 1971 a 1977, como assistente. Partiu para a América, onde lecionou na Brown University, entre 1979 e 1984, ingressando, de seguida na Universidade dos Açores, onde permaneceu até à sua morte, em 4 de novembro de 2002. Aqui introduziu a cadeira de Literatura e Cultura Açorianas, doutorou-se com uma tese sobre Fernando Pessoa e atingiu a cátedra. Ocupou o cargo de Vice-reitor e dirigiu a revista Arquipélago, do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas.

A sua obra apresenta uma diversidade de intervenções, que vão desde o ensaísmo, à poesia, passando pelo romance, pelo conto e pela crítica jornalística. No jornalismo português destacou-se, antes e depois do 25 de abril, no República, Jornal Novo, A Luta, A Capital, o Diário de Notícias, O Diabo e a Vida Mundial. No ensaio e crítica: «Linguagem e Criação» (1973), «Cultura, Política e Informação» (1976), «Vitorino Nemésio. A Obra e o Homem» (1978), «David Mourão-Ferreira. A Obra e o Homem» (1980), «Temas Nemesianos» (1981), «Fernando Pessoa – «Coração Despedaçado»» (1985), «Para uma Literatura Açoriana» (1987), «David Mourão-Ferreira – Narrador» (1987), «Vitorino Nemésio – à luz do Verbo» (1988), «Exercício da Crítica» (1995). No teatro: «Tragédia Exata» (1975) e «Domiciano» (1987). No conto: «Katafaraum é uma Nação» (1974), «Alecrim, Alecrim aos Molhos» (1974) «Querubins e Revolucionários» (1977), «Receitas para Fritar a Humanidade» (1978), «Morrer Devagar» (1979), «Contos Infernais» (1987), «Katafaraum Ressurreto» (1992). No romance: «Lugar de Massacre» (1ª edição: 1975), «A Fome» (1ª edição: 1978), «O Medo» (1982), «A Imitação da Morte» (1982), «Contrabando Original» (1987) e «Memória da Terra» (1990). Na poesia: «Feldegato Cantabile» (1973), «Invocação a um Poeta e Outros Poemas» (1984), «Temporal» (1986), «No Crescer dos Dias» (1996).

David Mourão-Ferreira, um dos maiores críticos literários do século vinte português, disse sobre José Martins Garcia: «Se não vivêssemos, vicentinamente, num País em que a «barca do purgatório anda sempre mais carregada que as outras duas /.../ o nome de José Martins Garcia deveria ser hoje unanimemente saudado como o do escritor mais completo e mais complexo que no último decénio entre nós se revelou; /.../ com igual mestria

tanto abrange os registos da mitificação narrativa como os da exegese crítica, tanto os da desmistificação satírica como os da transfiguração telúrica, e que sem dúvida não encontra paralelo, pela convergência e concentração de todos estes vetores, na produção de qualquer outro seu coetâneo.» (1987)

Luiz António de Assis Brasil analisou a obra de Daniel de Sá especialmente a narrativa de ficção («Ilha grande fechada». Lisboa: Salamandra, 1992; Crónica do despovoamento das Ilhas. Lisboa: Salamandra, 1995), a qual revela facetas bem características da denominada identidade insular, em especial da ilha de origem.

»Coloca-se a evasão como um destino ao qual o açoriano se entrega com a fatalidade do cumprimento de um dever. O resultado é a errância, a transitoriedade e o permanente desejo da volta. Quando acontece, essa volta nunca é satisfatória: o emigrado jamais poderá deixar de ser americano, e mesmo que construa uma casa suntuosa em sua freguesia original, contribua para a igreja e participe das festas coletivas, todos lhe conhecem a história. Intentando uma análise mais ampla, percebemos quanto os componentes tradicionais da literatura açoriana estão presentes nessa obra: a sensação de estar-se numa prisão, o desejo de evadir-se, a saudade a roer os calcanhares, a estreiteza do ambiente insular, a desconfiança das terras estrangeiras.»

Daniel de Sá, em «O Pastor das Casa Mortas» dá-se ao luxo de exportar, por mimética, para a Beira Alta, o seu herói em busca de um amor perdido no léxico e na sintaxe dos velhos montes escalavrados. Calcorreia paixões sofridas por entre o pastoreio, numa verdadeira apologia da solidão física e mental. Este retrato é o de Manuel Cordovão, lusitano de um amor só. O autor diz ser um livro dedicado «Às mulheres e aos homens que ainda acendem o lume nas últimas aldeias de Portugal.» A narrativa traduz metaforicamente a ode ao açoriano apartado de si e do mundo, num amor impossível que nunca se concretiza nem quando a barca de Caronte ronda.

A transposição do personagem deixa-nos na dúvida se a Teresa do «Pastor» não será irmã gémea da sua congénere que guarnece a digressão por «Santa Maria: a ilha-mãe». Em ambas as obras «as palavras [são] tratadas suavemente, amenizando as arestas da fonética, como se com elas não pudesse nunca ofender-se alguém.» Trata-se de uma visita não ao

«despovoamento das ilhas» mas ao país real, montanhoso, interior e inacessível de Portugal. Aqui não se resgata o imaginário coletivo naquilo que tem de mais genuíno e identificador, antes pelo contrário, se dá a palavra a uma erudição improvável de um apascentador de cabras. Aqui não há a memória plural de Gaspar Frutuoso, mas a ficcionalização dum fenómeno que não se mimetiza só na digressão pela Beira Alta. As Casas Mortas são-nos apresentadas como o resultado inevitável e inelutável sem que a sátira ou o humor permeiem a couraça de convicções de Manuel Cordovão.

Existe uma interdependência do autor, personagens e leitor, que nos levou a rever enésimas vezes, cada passagem do livro para lhe darmos em inglês o tom, o colorido, a sonoridade e a poesia das prosas. Não era ocasião única, pois rapidamente me apercebi de que era recorrente à totalidade da obra ficcionada. A escrita de Daniel de Sá é uma prosa rica, densa e tensa, enovelando em diálogos simples e curtos um enredo que prende da primeira à última página.

«Santa Maria ilha-mãe» é uma viagem ao passado, permeada de uma nostalgia quase lírica e da magia da infância de cores desprezíveis mas bem refulgentes. Fala-se do isolamento ao longo dos séculos, dos ataques de piratas, ameaça constante a inculcar mais vincadamente as crenças de origem religiosa - na ilha pouco assolada por terremotos ou explosões piroclásticas. Essa mundividência, transporta-nos num interessante roteiro turístico.

O título gerou controvérsia, na versão portuguesa e inglesa, como o próprio autor notaria: «Não se trata de «mãe» com valor de adjetivo, mas sim de dois substantivos, tanto mais que os liguei com hífen. É uma ilha que é mãe também...» Diz-nos o autor «O Clube Asas do Atlântico era um dos meus quatro lugares míticos. Ainda hoje recordo exatamente o seu cheiro» e todos nós sentimos os cheiros, as cores, as melopeias que nos descreve.

A escrita de Daniel de Sá vagueia por tempos infindos. Os personagens credíveis servem de conduto e transportam-nos ao local para partilharmos sentimentos com os interlocutores. Como tradutor, senti uma espécie de síndrome de Estocolmo, ficara cativo e apaixonado pelos captivos. Teria de escrever um livro que me libertasse da poção mágica que ingerira na escrita doutrem, e daí nasceu o volume 1 da «ChrónicaAçores: uma circum-

navegação». Este é, sem dúvida, o efeito avassalador que os autores açorianos inculcam naqueles que aqui não nasceram.

Magistralmente, a escritora canadiana Ann-Marie MacDonald afirmou, «A tradução, tal como a escrita, é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte.»

Dias de Melo escreveu

«A esperança num mundo melhor já não será para mim, nem para nenhum de nós e eu revolto-me com o que vejo à volta de mim»

Surpreendo-me com a minha ignorância dado que até maio de 2008 nada sabia sobre este autor. Tinha-o convidado a estar presente no 3º Encontro da Lusofonia para representar a literatura açoriana que queria dar a conhecer aos que (como eu) nem sequer sabiam da sua existência. Dias de Melo era um operário, agricultor, pescador, escultor que trabalhava, ceifava, pescava e esculpia cada palavra, pois era um baleeiro do Pico, homem do mar, pescador, marinheiro, mestre de lancha. Escreveu como se da janela da sua «Cabana do Pai Tomás» no Alto da Rocha do Canto da Baía na Calheta de Nesquim vigiasse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras. Andei meses na descoberta da genialidade e da sinceridade em parte da obra que já li de Dias de Melo.

Foi uma paixão literária à primeira vista, pois a sua escrita flui e embrenha-se como o nevoeiro em que os baleeiros se debatiam ao longo de séculos na luta inglória e injusta para ganharem a vida. Se tivesse que resumir o autor a uma palavra usaria INJUSTIÇA. É da sua denúncia que trata ao abordar temas como a emigração, a vida no Pico natal, as realidades sociais e económicas, a repressão no Estado Novo, e em todas, para além dos inúmeros dramas humanos retratados na linguagem simples dos homens do povo, lá vem a injustiça.

Entendendo as suas obras e a sua luta fica-se com a sensação de pertencermos à mesma família, uma espécie de alter-ego daquilo que gostaríamos de ter sido. Dias de Melo ficará inexoravelmente conhecido como o escritor da baleação. Coube-lhe a sorte de ter recebido merecidas homenagens públicas nos últimos meses de vida e a editora VerAçor, aqui presente, reeditou alguns dos seus melhores livros. Cumpre-nos não deixar

que a sua memória se esvaneça e porfiar para que seja lido pelas novas gerações. Dias de Melo era um espetador atento da luta quotidiana e da condição humana e resolveu contá-la ao mundo. Disso vos trago testemunho na certeza de que só o honraremos se o continuarmos a ler e a traduzir.

Deixei propositadamente para o fim outro autor favorito. Lamento apenas que este processo de aprendizagem seja lento se bem que recheado se surpresas inolvidáveis.

Cristóvão de Aguiar é um escritor incómodo pois não só se libertou das grilhetas do espaço confinado das ilhas como conseguiu provar com a sua prolífica produção literária aquilo que mais se entretive a negar: a existência de uma literatura açoriana. Exigente consigo e com os outros, com fama de inabalável, Cristóvão não se limita a ser controverso, domina a língua como poucos embora padeça da falta de confiança típica dos grandes escritores. Nunca se dá por satisfeito ao burilar no basalto da sua ilha adotiva do Pico as letras com que nos entretém. Como esteve do lado de lá dessa fronteira invisível que é o grande Mar Oceano, sendo emigrado e transmigrado sem nunca deixar de ser residente, vê as ilhas pelos seus olhos, dos seus pais, irmão e família emigrada nos EUA. Também consegue olhar retrospectivamente para o Pico da Pedra onde nasceu, em São Miguel, e ver a pequenez das gentes e das ilhas, contentadas com uma qualquer emigração económica de fuga à fome e à canga feudal que persiste. Voltam, regressam sempre, na aparência vitoriosos, mas sem trazerem na bagagem nada de valor para além de dinheiro e outros bens materiais. Ao escrever sobre a ilha em que nasceu diz:

«São Miguel já não é a mesma Ilha onde fui nado e criado e vivi até à arrogância dos vinte anos. Pude verificá-lo, há pouco, durante o 4.º Encontro Açoriano da Lusofonia, em que, para regozijo meu, não encontrei os costumeiros intelectuais de pacotilha, que sabem tudo quanto no Universo se passa, com retrato de pose na galeria dos imortais há muito mumificados... Nem é sequer a mesma Ilha que foi, até há poucos anos, muito nublada, já não digo por um nevoeiro absoluto, mas por alguns resquícios aparentados a certas pesporrências de má memória. ... Temos, porém, de convir que, durante séculos, certas forças religiosas, conluídas com todos os poderes..., foram o sustentáculo da ignorância abençoada pela trilogia Deus, Pátria e Rei de outros

tempos, e Deus, Pátria e Família, do tempo de muitos de nós. Direi como Mestre Gil Vicente: E assim se fazem as cousas. Levou tempo, mas o inevitável aconteceu. Acaba sempre. O medo e outras rançosas virtudes impostos ao espírito e nele lavrado em sulcos mais ou menos profundos (nem toda a terra consente a ignomínia), com relhas enferrujadas e passadistas, têm destes percalços - no ápice de um instante imprevisito esse terreno enfatiado de tanta aridez fermentida e coerciva, súbito se devolve à sua límpida condição de húmus que favorece a estrutura do solo e do subsolo e do infra-subsolo: o consciente, o subconsciente e o inconsciente.»

Cristóvão é um permanente passageiro em trânsito, título do seu mais benquisto livro, sempre na rota do inconformismo. Ele é a voz que se não cala e tem o direito a tal. Chama os bois pelo nome sem se deter nas finuras das convenções do parece bem ou mal. É crítico impiedoso dos destinos que alguns queriam que fosse eterno, o da subserviência e submissão aos senhores das ilhas, descendentes diretos dos opressores da gleba. Grandes narrativas que se assemelham a uma técnica de «travelling» em filmagem, com grandes planos, zooms, e paragens detalhadas nos rostos e nas mentes dos atores principais das suas crónicas e outros escritos. A câmara detém-se e escalpeliza a alma daqueles que ele filma com as suas palavras aceradas como vento mata-vacas que sopra do nordeste. Psicanalisando as gentes e a terra que o viram nascer adotou nova ilha mátria em 1996:

«A Ilha do Pico faz-me as vezes de mulher amada. Desvenda-se aos poucos, em erótico vagar, para se lhe descobrir os recantos e sortilégios mais íntimos. E nunca se chega, nem se precisa, ao cerne do feitiço... Meio encoberta, meio desnudada, sempre ataviada de cheiros exóticos e eróticos, faz com que se abram as narinas de cio. Colhem os olhos as tonalidades indefiníveis de seus roxos e azuis, o cinza entorresnado de seus mistérios, seus verdes percorrendo toda a escala cromática, vertidos na paleta primigénia de que se serviu o Criador para matizar a tela da Natureza. Sempre que caem sobre o mar do canal, cavado e furioso ou espelho de Narciso, a Ilha de São Jorge, nua e arroxeadada, a garantir mais mundo, os olhos coalham-se de espanto em face do mistério de assistirem ao primeiro dia da Criação... Não cabe no olhar a Montanha bíblica. Extravasa a humana retina. Bíblica. Acredito ter sido em seu cimo, que roça o Céu, que Moisés recebeu as Dez Tábuas da Lei. E de um penedo fez jorrar a água que saciou a sede do seu Povo.

Cristóvão de Aguiar, já o disse, não é um autor fácil nem facilita, exige quase tanto dos seus leitores como de si mesmo, ele é o magma de que são feitas as gentes de bem destas ilhas. Tal como as palavras sentidas, gravadas fundo num granito que não existe nas ilhas mas que encontro na *Relação de Bordo I* do Cristóvão de Aguiar. Este autor que ora descubro como se o conhecesse há muito, como se tivéssemos sido irmãos ou *compagnons de route* à la Jack Kérouac na Route 66, iluminando o túnel das ideias por verter no alvo papel onde escrevo. Verdade seja que imerso na sua escrita se tateia como um recém-nascido às escuras fora do ventre materno. Pressagio cordões umbilicais curiosos a unir-nos. Como ele diz (*Relação de Bordo II* pp. 199-200)

«Primeiro foi a ilha, nunca mais a encontramos como a havíamos deixado...trouxemos somente a imagem dela ou então foi outra Ilha que conosco carregámos...»

Se agora encontro neste amigo novo um escritor (ou terei encontrado um escritor que é um amigo novo?) que se crê maldito porque outros o fizeram assim, e porque é de si mesmo um ser acossado por tudo e por todos, mas sobretudo por si mesmo. Para ele, a escrita nunca será catarse pois ela é fruto de amores incompreendidos entre si e a sua ilha...

Quando aprecio a obra dum autor não sei como fazê-lo, nem hermenêutica nem exegese me tocam pois são ramos do conhecimento para além da minha compreensão que estudos em Humanidades não tive nem meus pais me deixaram. Sou como sou e a meu pai o devo tal como Cristóvão o é devido ao seu pai. Continentes diferentes mas uma só realidade, ambos criamos os sulcos que hoje trilhamos percorrendo as savanas e as estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos interrompiam a escrita e nos dispersavam da missão sagrada. Ambos plantamos árvores, publicamos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal e desconfio que ambos sabemos hoje que não existe, a não ser na busca incessante com que criamos uma *raison d'être* nas nossas mentes conturbadas.

Cristóvão dizia a propósito dos *Colóquios da Lusofonia na Lagoa* em março/abril do corrente:

«Lá encontrei, contra todas as minhas expectativas, uma plêiade de personalidades que fizeram olhar-me ao espelho da minha humildade, ao mesmo tempo que me infundiram confiança e à vontade, boa disposição e

alegria, despreconceito e saúde intelectual... Soltei-me dentro da minha caverna; ao princípio, dei alguns saltos a medo, mas procurei conter-me e ir subindo devagar em direção à luz que me ofuscava. Ainda ando encandeado pela sua intensidade e pela rapidez com que tudo aconteceu, mas, pouco a pouco, espero desvenhar-me dos muitos cadilhos que ainda me amarram a um cais de onde nunca embarquei e nem sequer me lembro se em cima dele fui ficando permanecido. Há dias, foi a Maria do Rosário [Girão] com a sua acutilante e profunda análise ao meu tão mal-amado *Passageiro em Trânsito*, que me calou bem fundo, e me deu um sentimento de desforço de que há muito andava carecido. Agora és tu. Já não sei o que dizer mais. As palavras fogem-se como coelhos bravos.»

Nestas navegações literárias, uma pessoa não lê apenas mas percorre uma viagem tridimensional recheada pelos sentidos que fluem da escrita como lava «pahoe-hoe» (pron. pah hoi hoi) de aparência viscosa mas fluida, brilhante e entrançada como cordas prateadas. Outros autores subitamente parecem ser do tipo lava «A a» (ah ah), grossa e áspera, um magma de rochas solidificadas que são empurradas. Aqui nada é impelido embora por vezes se assemelhe na sua descrição e nos contornos emocionais à *pedrapomes* que é o *piroclasto* dominante das rochas *traquíticas*. A observação de qualquer pedaço de basalto revela-nos, quase sempre, a existência de vesículas disseminadas na rocha e as vesículas de tal modo estanques, que a rocha pode flutuar na água por largos períodos. Resultam de gases separados do magma que, não tendo conseguido escapar para a atmosfera, ficaram aprisionados na rocha sob a forma de bolhas onde também ficam retidos ad eternum todos os leitores.

A escrita lávica de Cristóvão fica retida a boiar no nosso imaginário. Foi ela que nos instigou a escrever esta lamentação com o frêmito ciumento de todos os que não conseguem escrever da forma única e inimitável como só ele sabe e sente sobre os Açores. Essa a sua forma de amar e de recompensar a terra que o viu nascer...para que também ela desate as grilhetas que a encarceram no passado e ele se desobrigue finalmente dessa tarefa hercúlea de carregar a sua ilha como um fardo ou amor não-correspondido, que nisto de ilharias há muitas paixões não correspondidas. Ele é o mais lídimo representante da mundividência açoriana na escrita contemporânea e tarefa dos *Colóquios da Lusofonia* torná-lo mais benquisto e conhecido no mundo inteiro. Dias de Melo e Daniel de Sá já foram traduzidos. «O Pastor das Casas Mortas» vai surgir em castelhano.

Cristóvão não foi traduzido. Além dele há outros escritores e poetas⁴ que teremos de divulgar e traduzir. Isto sim é um crime de lesa literatura.

Iremos concentrar os esforços dos Colóquios em editá-lo no Brasil e tê-lo traduzido na Bulgária, França Roménia, Polónia, Rússia e Eslovénia. Todos nós, meros mortais, teremos de ler os restantes e apreciar a sua universalidade, apesar da matriz açoriana que a todos permeia. Sei que incorremos numa grave omissão se não conseguirmos lançar em novos mercados e traduzir «A TABUADA DO TEMPO», «TORGA LAVRADOR DAS LETRAS», «MARILHA», «RAIZ COMOVIDA», «RELAÇÃO DE BORDO I, II, III». Este é o desafio que lanço, hoje, como um repto que ninguém recusará, estou certo.

(Bragança - Ponta Delgada, Out.º 2009).

CURSO BREVE DE AÇORIANIDADE(S) E INSULARIDADE(S)

Os Colóquios da Lusofonia decidiram suprir a ausência da cadeira de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores (em tempos ministrada pelo Urbano Bettencourt) e firmaram um protocolo para criar uma cadeira *AÇORIANIDADE(S) e INSULARIDADE(S)* na Universidade do Minho, Braga, Portugal (regime presencial a iniciar em outubro 2010)

RAZÕES JUSTIFICATIVAS.

- Divulgar a obra, traduzida e várias vezes premiada, de Autores açorianos modernos e contemporâneos não raro agraciados pelo Sr. Presidente da República (é o caso de Cristóvão de Aguiar e de Daniel de Sá). José Dias de Melo foi traduzido para inglês; Daniel de Sá foi traduzido em inglês e em castelhano; Cristóvão de Aguiar, que será traduzido em romeno e, eventualmente, em polaco, recebeu vários prémios: *Raiz Comovida* - Prémio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa; *Relação de Bordo (1964-1988)* - Grande Prémio APE/CMP, 2000; *Trasfega, casos e contos* - Prémio Miguel Torga 2002; *A Tabuada do Tempo; a lenta narrativa dos dias* - Prémio Miguel Torga 2006. Fomentar o conhecimento de Autores (e subsequentes obras) praticamente desconhecidos no Continente, entre os quais Emanuel de Sousa, Vasco Pereira da Costa e Marcolino Candeias.
- Proporcionar aos Professores do Ensino Básico e Secundário, bem como aos Alunos da Licenciatura, do Mestrado e do Doutoramento, novos temas a explorar - relacionados com a «Açorianidade» -, de um quádruplo ponto de vista histórico, sociológico, literário e linguístico.
- Incentivar os formandos a um conhecimento mais amplo da História, da Geografia e da Sociolinguística do Arquipélago, veiculado pelas obras dos Autores a estudar.
- Facultar aos doutorandos estrangeiros ‘ferramentas’ de aprendizagem, bem como uma ampla bibliografia, ativa e passiva, conducentes à elaboração da sua tese de doutoramento (apresento como exemplo o caso da Mestre Crina Voinea, docente de língua, literatura e

cultura portuguesas na Universidade de Constanta, Roménia, que se encontra a redigir uma tese sobre a «Açorianidade» sob a minha orientação).

- Dar cumprimento à parceria entre a Diretora do *Departamento de Estudos Românicos* e do *Mestrado em Estudos Franceses* (Maria do Rosário Ribeiro dos Santos) e o Presidente dos *Encontros Açorianos da Lusofonia* (J. Chrys Chrystello), promovendo o conhecimento aprofundado da literatura e da cultura açorianas na U.M.

DESTINATÁRIOS

- Professores do Ensino Básico e Secundário, privilegiando-se os Professores das Escolas de Braga (e seus arredores) que já trabalharam com a docente que vai ministrar o Curso, quando a docente em causa era «Presidente da Comissão de Estágio de Português-Francês» (de 1993 a 1996 e de 2003 a 2005), e os Professores das Escolas que fazem parte integrante do MULTI_FEEL.
- Alunos da *Licenciatura*, do *Mestrado* e do *Doutoramento* (dando-se primazia a todos os formandos que escolheram e vão escolher, como temas das respetivas teses, o estudo da açorianidade, de Autores açorianos clássicos e de Autores açorianos modernos e contemporâneos).
- Colegas de outras Universidades, Professores e Investigadores, que pretendam aprofundarem os seus conhecimentos nesta área específica (Literatura Portuguesa de matriz açoriana), sobretudo os membros dos *Encontros Açorianos da Lusofonia*, bem como os seus mais assíduos participantes.

OBJETIVOS

O tema genérico da 1ª edição do Curso visa

- i) Enquadrar as propostas dos formandos num conjunto de problemáticas suscitadas pelos processos históricos e sociais relativos a mobilidades individuais e coletivas, voluntárias ou involuntárias, contrapondo-se à(s) insularidade(s) assumida(s) e/ou ao subsequente isolamento;
- ii) estudar as representações destes processos na literatura dos Açores e na história cultural do Arquipélago, interrogando a antinomia *errância* e *permanência*, bem como a função de viagens e de diásporas na transformação das idiosincrasias e das identidades socioculturais.

RESULTADOS DE APRENDIZAGEM

1. Descrever as coordenadas históricas, geográficas e culturais responsáveis pela emergência de uma literatura portuguesa, dos Açores e sobre os Açores.
2. Reconhecer, a nível temático estilístico, as marcas da eventual especificidade da supracitada literatura, conducentes à posposição do adjetivo «açoriana» ou, então, à junção atenuante de lexemas como «significação», «matriz» e «feição».
3. Examinar as linhas de força que subjazem ao conceito de açorianidade e açorianidade(s) (decalcado, por Vitorino Nemésio, naqueloutro de «hispanidad» de Miguel de Unamuno), tomando como ponto de partida as considerações nemesianas em «O Açoriano e os Açores» e «Insula» nº 7/8 (de 1932).
4. Identificar as características que contribuem primordialmente para a tipologia dos estratos sociais açorianos e para a identidade do ilhéu (o apego telúrico, a insularidade ou o isolamento, a religiosidade popular, a oscilação entre o anelo da partida e o desejo do regresso e o ‘fenómeno’ da emigração).

5. Cotejar as diferentes representações da diáspora na crónica e narrativa de viagens de Autores açorianos [o ‘salto’ dos antigos baleeiros, o mito da ‘fabulosa’ América, a estada picaresca, em solo americano, dos novos embarcações e o retorno à ilha do(s) senhor(es) americano(s)].
6. Analisar, temática e estilisticamente, numa perspetiva contrastiva, o imaginário ilhéu na obra de escritores açorianos modernos e contemporâneos.

CONTEÚDOS DA AÇÃO

»O nosso melhor livro é sempre aquele que ainda não escrevemos.« (Eugénio de Castro, «Prefácio» à Segunda Edição de *Oaristos*).

Primeiro Módulo

- A. **Abertura:** Para uma breve historiografia açoriana - da História natural à História política, económica e social.
1. Os Açores... e o mito da Atlântida.
 2. A controvérsia em torno dos Descobrimentos das ilhas açorianas.
 3. O conceito de *açorianidade* ou de *açorianidades*?
 4. *Crónica Açores* ou a «circum-navegação de Chrys Chrystello: o multiculturalismo e a diáspora (do mítico Oriente ao Ocidente gerador de mitos) (3 horas de formação, contando com a presença do Presidente dos *Colóquios da Lusofonia*, convidado como conferencista).
- B. Perspetiva diacrónica da história literária dos Açores: alguns ‘marcos’ de relevo. Do romantismo ao simbolismo, do simbolismo ao surrealismo, do surrealismo ao modernismo e do modernismo ao neorealismo.
1. O fantástico nos *Contos* de Teófilo Braga.
 2. O pensamento filosófico nos *Sonetos* de Antero de Quental.
 3. O isolamento nas *Almas Cativas* de Roberto de Mesquita, bem como a deteção do intertexto baudelaireano e anterior na sua obra.
 4. Armando Côrtes-Rodrigues e o *Orpheu*. (6 horas de formação).

Segundo módulo

- A. Os precursores da açorianidade: Vitorino Nemésio - um autor de ‘charneira’.
1. O poeta – do surrealismo de *O Bicho Harmonioso* às Décimas & Cantigas de Terreiro da *Festa Redonda* (dedicadas ao povo da Ilha Terceira), à *Sapateia Açoriana* e à «Voyelle promise».
 2. O cronista do *Paço do Milhafre* e o contista de *O Mistério do Paço do Milhafre*: Vitorino Nemésio e o seu alterónimo Mateus Queimado.
 3. O novelista de *A casa fechada* ou a sugestão, por via da metonímia, de uma humanidade prestes a reificar-se.
 4. O romancista de *Mau tempo no canal* ou o enraizamento de sonhos e mitos na realidade física insular.
 5. O crítico-ensaísta de *Conhecimento da Poesia*, nacional (Manuel Laranjeira e Teixeira de Pascoais) e estrangeira – francesa (Baudelaire e Verlaine) e romena (Mihail Eminescu).
 6. O comunicador de *Se bem me lembro...*
- B. Na senda de Vitorino Nemésio: a insularidade mítica na obra poética e em prosa de Natália Correia e nalgumas novelas de Carlos Wallenstein. A re-emergência do fantástico ‘surrealista’ (6 horas de formação).

Terceiro Módulo

- A. Homenagem aos Autores açorianos modernos e contemporâneos.
1. José Martins Garcia.
 - 1.1. O biógrafo e o crítico literário - Vitorino Nemésio e David Mourão-Ferreira.
 - 1.2. O poeta do **tempo que cresce** (*No crescer dos Dias*).

1.3. O romancista da «**memória açoriana**» e da «lembança americana»: *Contrabando Original* e *A Fome*.

- 1.4. O contista: da **sátira cáustica** à **caricatura acerba** (*Contos Infernais* e *Katafaraum Ressurreto*).
2. José Dias de Melo (a **luta contra a injustiça** e a **temática baleeira** (*Vinde e Vede* e *Pedras Negras*); Daniel de Sá: o **‘fechamento’ da Ilha**, em *Ilha Grande Fechada*, e a desertificação da aldeia mítica (*O Pastor das Casas Mortas*); Onésimo Teotónio Almeida: *Na L(USA)Lândia* e «O mistério da Pedra de Dighton»; a **açorianidade** (o tema da viagem e a presença da Ilha) em João de Melo (*Gente feliz com lágrimas*); Álamo Oliveira e o romance do artista (*Pátio d’Alfândega, meia-noite*); *Crónicas* de Victor Rui Dóres.
3. A veia multifacetada de Pedro da Silveira: da *Antologia de Poesia Açoriana (Do século XVIII a 1975)*, ao «Diário de Bordo» (*fui ao mar buscar laranjas*) e à tradução de poesia (o florilégio de *Mesa de Amigos*).

4. A **originalidade poética** de Emanuel Félix (9 horas de formação).
5. Cristóvão de Aguiar.
- 5.1. O romancista da **representação multifacetada e metafórica da Ilha, da sua interiorização mítica e da aprendizagem da vida**: *Raiz Comovida* e *Passageiro em Trânsito*.
- 5.2. O ensaísta (as ‘conversas’ com Paulo Quintela e os ‘passeios’ com Miguel Torga).
- 5.3. O linguista: a respeito de alguns «deslizes» na língua portuguesa (6 horas de formação, contando com a presença do escritor Cristóvão de Aguiar, convidado como conferencista).
6. Rumo à descoberta de...
- 6.1. Em torno de alguns ‘ilustres desconhecidos’: Emanuel de Sousa (*Eurídice*), Vasco Pereira da Costa (*My Californian Friends*) e Marcolino Candeias (*Na distância deste Tempo*) (1 hora de formação).
- 6.2. **Literatura dos Açores, literatura açoriana ou literatura portuguesa de significação/matriz/feição açoriana?**
- 6.2.1. O conceito de *expressão*.
- 6.2.2. O conceito de *significação*.
- 6.2.3. O conceito de *matriz*.
- 6.2.3. O conceito de *feição* (1 horas de formação).
7. **Literatura e Cinema**: algumas adaptações cinematográficas (RTP Açores).
- Encerramento**: a preservação da língua portuguesa nos Açores e os açorianismos (1 hora de formação, contando com a presença do Sr. Professor Doutor João Malaca Casteleiro, convidado como conferencista).
- NOTA BENE: Outros especialistas poderão ser convidados, como conferencistas e não como formadores.

METODOLOGIAS DE REALIZAÇÃO DA AÇÃO

O Curso é composto de 3 módulos [**Primeiro Módulo**, **Segundo Módulo** e **Terceiro Módulo** do Programa / Conteúdo da Ação *supra* referidos(s)]. Cada módulo é constituído por várias sessões de três (3) horas cada, aproximadamente, e tem uma duração de onze (11) semanas ou, mais bem dito, de trinta e três (33) horas presenciais.

As aulas presenciais (33 no total) são complementadas por doze (12) horas de orientação tutorial e por doze (12) horas de trabalho autónomo do formando.

Sendo a área do curso *Literatura e Cultura Portuguesas* (L/C), as aulas a ministrar são aulas teórico-práticas, interrompidas pontualmente por três conferências (já mencionadas). Preferiu-se o sistema de aulas teórico-práticas, por permitir uma harmonização/conciliação entre a teoria e a prática literárias, entre os conceitos a estudar e a análise de textos.

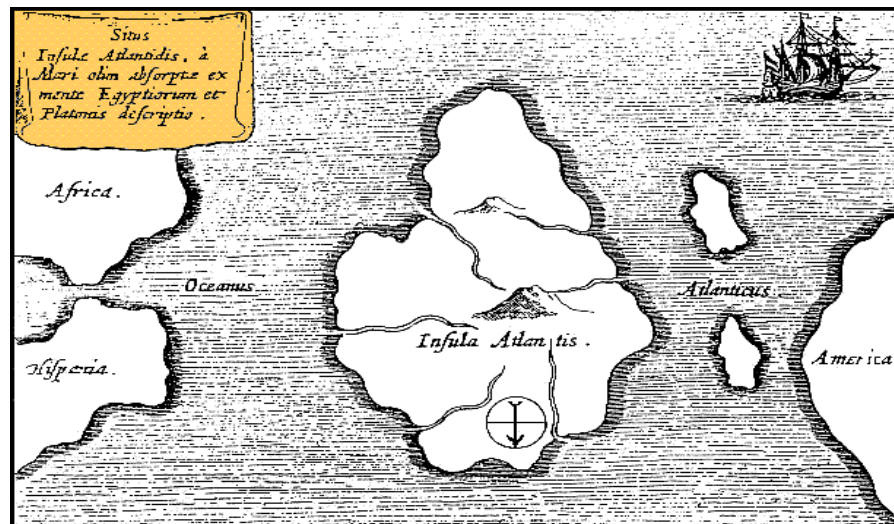
Disciplinas que a Ação abrange mais ou menos tangencialmente: Língua Portuguesa (açorianismos); Teoria e História da Literatura (movimentos, períodos e géneros literários); e, sobretudo, Literatura Portuguesa de matriz açoriana.

leia o folheto <http://www.lusofonias.net> / http://www.lusofonias.net/doc_download/279.html

CADERNOS AÇORIANOS

CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



CADERNO Nº 0 janeiro 2010 <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL/Colóquios da Lusofonia
Chrys Chrystello editou este número



Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico) **REVISTO EM 19-01-2022**